

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

A ALA NASCENTE DO CLAUSTRO DO CONVENTO DE JESUS DE SETÚBAL: RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DE 2015/2016

Nathalie Antunes-Ferreira¹, Maria João Cândido²

RESUMO

Em 2015/16 foi realizada uma intervenção arqueológica de carácter preventivo na ala nascente do claustro do Convento de Jesus, em Setúbal, motivada pela obra de repavimentação das alas à cota original do Piso Primitivo do século XV. A ala funcionou como espaço sepulcral das clarissas, identificando-se 26 lajes rectangulares e colocando-se a descoberto 13 inumações primárias e numerosos ossos desarticulados de indivíduos adultos do sexo feminino. As inumações seguiram os preceitos cristãos, identificando-se, porém, duas deposições atípicas. No espólio votivo destacam-se as armações de ferro à volta do crânio. Tal como nas intervenções anteriores foram identificados os aterros de 1772 sobre o Piso Primitivo. Este piso encontrava-se em mau estado, tendo sido truncado e/ou removido aquando da feitura das sepulturas.

Palavras-chave: Setúbal, Convento, Pós-medieval, Inumações.

ABSTRACT

In 2015/2016 an archaeological intervention took place in the western area of the cloister of the Convent of Jesus, motivated by repaving work of these areas to the original floor of the 15th century. The western area served as the necropolis of the nuns. Twenty-six rectangular grave stones were identified, of which 13 primary burials and numerous disarticulated bones of adult females were exposed. Two atypical depositions were identified. The votive objects include iron frames (crowns) around the skull of many individuals. As in previous interventions, the 1772 landfills on the original floor were identified. This floor was in bad condition, having been truncated and/or removed during the opening of the graves.

Keywords: Setúbal, Convent, Post-medieval, Inhumations.

1. INTRODUÇÃO

A intervenção arqueológica, realizada entre Outubro de 2015 e Fevereiro 2016, na ala nascente do claustro do Convento de Jesus enquadrou-se no “*Projecto de recuperação e valorização do Convento de Jesus*”, iniciado em 2005, numa perspectiva preventiva com vista à minimização de impactes sobre o património arqueológico face às obras que a Câmara Municipal de Setúbal pretende executar.

O plano de repavimentação das alas claustrais do Convento de Jesus, designadamente da ala nascente onde se localizavam as sepulturas das clarissas, à cota do Piso Primitivo, obrigou ao rebaixamento desta área e levantamento das inumações. Tratando-se de uma área arqueologicamente sensível, pretendeu-se com esta intervenção caracterizar as realidades arqueológicas e complementar a informação das campanhas anteriores.

1. CRIA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Av. Berna 26-C, 1069-061 Lisboa, Portugal / LABOH, Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia Humana, Edifício ID, Av. Berna 26, 1069-061 Lisboa, Portugal / CiiEM, Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Campus Universitário-Quinta da Granja, 2829-511 Monte da Caparica, Portugal / LCFPEM, Laboratório de Ciências Forenses e Psicológicas Egas Moniz, Campus Universitário-Quinta da Granja, 2829-511 Monte da Caparica, Portugal.

2. Museu do Convento de Jesus, Largo de Jesus, 2909-883 Setúbal, Portugal.

2. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO

O Convento de Jesus localiza-se no Largo de Jesus, em pleno Centro Histórico da cidade de Setúbal, correspondendo administrativamente à União de freguesias de Setúbal.

O convento foi fundado por Justa Rodrigues Pereira, ama de D. Manuel I, no reinado de D. João II, tendo as obras conduzidas por Diogo de Boitaca sido iniciadas em 1490. A mesma manifestou o seu desejo de que o convento fosse dedicado ao “Nome de Jesus”. O conjunto conventual foi construído no que era então a zona extramuros da urbe, seguindo a norma dos edifícios mendicantes (Silva e Pereira, 1989). A ocupação do convento pelas freiras da Ordem de Santa Clara ocorreu em meados de 1496, oferecendo D. Manuel I, para assinalar o início da vida conventual, um sino em bronze ornamentado com essa data. O convento que foi concebido inicialmente para receber treze clarissas, sofreu diversas alterações após a ascensão de D. Manuel I ao trono, designadamente o abobadar da igreja e reestruturação das dimensões conventuais, de modo a receber trinta e três freiras, tendo as primeiras religiosas vindo de Gandía (Valência), em Espanha. O convento desenvolveu-se em torno de um claustro quadrado, de 33 metros de lado com um jardim e uma fonte central. (Silva e Pereira, 1989).

Em 1888 o edifício é convertido no Hospital da Misericórdia que ali funcionou até 1959. Seguidamente, em 1961, sob o patrocínio do provedor da Santa Casa João Botelho Moniz Borba em colaboração com a Câmara Municipal, o espaço foi transformado no Museu da Cidade (Silva e Pereira, 1989). Em 1992 foi encerrado para profundas obras de reabilitação tendo o museu passado a funcionar numa galeria anexa e noutros espaços expositivos da cidade. Nos finais da década de 90 do século XX foi finalmente lançado o concurso público para a reabilitação e valorização do edifício conventual e a instalação do Museu da Cidade no Convento de Jesus, tendo o Arquitecto Carrilho da Graça ganho o projecto, o qual foi aprovado pelo IPPAR em 2000 (Neto, 2011). A inauguração de reabertura ocorreu em Junho de 2015.

Passa-se à apresentação da informação histórica que incide especificamente sobre as galerias claustrais, já que a intervenção arqueológica foi desenvolvida nessa área conventual. Assim, de acordo com a Crónica de Ana do Amor Divino, a partir de inícios do sécu-

lo XVIII, no Inverno, ocorriam graves inundações no convento, que atingiam sobretudo as galerias do claustro. Estas aliadas à maré alta provocavam mal-estar e doenças na comunidade das clarissas bem como avultados estragos no edifício, já que a água chegava a ter “(...) três e quatro palmos de altura” (ou seja, cerca de 60-80 cm). A solução encontrada para resolver este problema consistiu no alteamento das áreas atingidas. Por conseguinte, segundo a crónica, nas galerias claustrais foram arrancados as lajes e ladrilhos que cobriam as sepulturas das religiosas e levantou-se o pavimento cerca de três palmos, ladrilhando-se novamente o pavimento com tijolos vermelhos quadrados, exceptuando os vãos das novas sepulturas que foram lajeados. Este novo piso manteve-se até ao acompanhamento arqueológico da 1ª fase de obra que teve início em 2013.

Ainda de acordo com a Crónica foram efectuadas quinze sepulturas: quatro ficaram na área mais a sul até à porta da Casa do Capítulo, dez localizaram-se mais a norte até à porta da Casa do Capítulo e a última ficou a meio, mesmo em frente ao vão, defronte da porta da Casa do Capítulo. Cada uma das sepulturas, com excepção da 15ª, foram cobertas com três lajes estreitas, enquanto a 15ª é coberta de ladrilho, ficando mais abaixo que o nível da quadra, descendo-se um degrau e sendo atribuída à madre soror Teodora Jacinta da Purificação que faleceu em 1788. Refere ainda que com esta obra de alteamento se perdeu a localização das sepulturas mais antigas existentes nas alas nascente e sul (na área adjacente à casa das abadessas).

De acordo com os Assentos de Óbitos (anos 1744 a 1878) coligidos por Carvalho (1969) a primeira religiosa que ocupou as novas sepulturas foi Ana Margarida de Jesus que faleceu em 1772 com 51 anos. Em 3 de Setembro de 1867 foram proibidos os enterramentos das religiosas no convento, obrigando que se fizessem no cemitério público de Nossa Senhora da Piedade, sendo que a única referência conhecida desta situação é da abadessa soror Maria Joaquina do Coração de Jesus que faleceu a 5 de Agosto de 1878 (Carvalho, 1969).

3. INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS PRECEDENTES

A primeira intervenção arqueológica realizada no interior do convento foi promovida pelo Departamento de Arqueologia do Instituto Português do

Património Arquitectónico e Arqueológico, tendo sido executada por Carlos Tavares da Silva entre 1993 e 1994, o qual escavou áreas das galerias do claustro. O objectivo consistia na caracterização arqueológica dos depósitos existentes sob o pavimento actual nas galerias do piso térreo, aferição da evolução estratigráfica no interior do edifício e registo das alterações ao nível dos pisos no que concerne ao seu alteamento, de modo a obter informação que permitisse orientar as obras de recuperação do monumento e salvaguardar os seus elementos arquitectónicos (Silva, 1995).

Foram efectuadas setes sondagens, uma das quais na ala nascente do claustro, em frente da Casa do Capítulo, num total de 54 m² (Silva, 1995). Constatou que após a remoção do piso de tijoleira quadrangular actual a existência de outro que designou de primitivo. Abaixo deste identificou algumas camadas regularizadoras e que também serviam para isolar o piso da humidade contida no solo argiloso. Na ala sul detectou uma inumação. Concluiu que o piso foi sendo alteado em diferentes momentos devido à subida gradual do nível do lençol freático indicando duas, três ou quatro fases, consoante a galeria onde teve lugar: duas fases na ala poente; três na ala norte; quatro na ala nascente e duas na ala sul, de forma a proteger o espaço relativamente às cheias (Silva, 1995). Entre 2005 e 2006, estando ainda o convento sob a gestão do IPPAR, foi realizada uma segunda intervenção no interior do edifício coordenada por José Luís Neto e Maria João Cândido, que veio complementar as informações da intervenção de 1993/94. Os objectivos da intervenção foram idênticos aos da campanha anterior, ou seja determinar a potencialidade arqueológica, mas estava igualmente previsto proceder ao levantamento das inumações da ala sul do claustro e escavar em área até a cota original, ou seja, até ao Piso Primitivo, já que o projecto de Arquitectura de Carrilho da Graça contemplava o rebaixamento do piso à cota original da edificação do convento. Relativamente às alas claustrais interveio-se nas alas norte, sul e poente, procedendo-se inclusivamente à remoção do enchimento das áreas anteriormente intervencionadas por Carlos Tavares da Silva. Estes arqueólogos concluíram de que não existia qualquer piso entre o pavimento actual e o Piso Primitivo. A regularidade das camadas identificadas, que não é indicativa da existência de pisos, poderia ser explicada pelo alteamento de 1772 cujo entulho foi bem batido a maço, indicando ainda que

os cerca de 60 cm entre pisos corresponderiam aos três palmos indicados na Crónica de Ana do Amor divino para o alteamento do espaço (Neto, 2011). Esta campanha arqueológica permitiu coligir dados para uma melhor compreensão do conjunto edificado e das obras realizadas ao longo do tempo como a identificação de estruturas arqueológicas no interior das salas, sepultamentos e Piso Primitivo (Neto, 2011). Em 2013 foi iniciada a primeira fase da obra de requalificação do edifício, tendo o acompanhamento arqueológico sido assumido por Maria João Cândido, ocorrendo este sobretudo na área exterior – poente – do edifício e no pavimento das alas do claustro, rebaixado até ao piso primitivo em 2005/06, de modo a instalar as infraestruturas de saneamento básico e sistemas de drenagem.

4. INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

A intervenção arqueológica na ala nascente do claustro do Convento de Jesus foi motivada pela necessidade de se efectuar a repavimentação do piso à cota original da construção do edifício, numa área onde se localizavam sepulturas (Figura 1). Por conseguinte, os objectivos principais da sobredita intervenção foram a escavação, salvaguarda e registo das estruturas e das inumações até à cota de afectação da obra, exumação dos esqueletos e implementação de medidas de minimização a aplicar face aos impactos previsíveis sobre o património arqueológico, permitindo um adequado planeamento da obra por parte da Câmara Municipal de Setúbal. Pretendesse, igualmente, a caracterização e registo das realidades arqueológicas e antropológicas e aferição da potencialidade arqueológica deste arqueosítio com o intuito de se complementar as informações resultantes das anteriores intervenções, contribuindo, desta forma, para um melhor conhecimento das dinâmicas no Convento de Jesus (Antunes-Ferreira, 2016) (Figura 1).

A metodologia de escavação utilizada baseou-se nas camadas naturais, através de decapagem manual, sendo os depósitos levantados na ordem inversa da sua formação, justificando-se a selecção desta metodologia pelo princípio de uniformidade metodológica, já que nas intervenções arqueológicas anteriores foi o método utilizado, facilitando, por conseguinte, eventuais comparações de dados entre relatórios. Foi efectuado o registo gráfico (desenhos de plantas, planos, perfis e secções à escala 1:20 e 1:50, bem

como dos esqueletos à escala 1:10) e fotográfico. O ponto altimétrico – cota absoluta – foi obtido no canto superior Nordeste do canteiro do chafariz do claustro, sendo de 3,01 metros. Para cada esqueleto das inumações primárias foi preenchida uma Ficha de Esqueleto (Antunes-Ferreira, 2016).

As estratégias adoptadas foram planeadas com base nas informações recolhidas nos relatórios de intervenções arqueológicas anteriores (Neto, 2011; Silva, 1995) e na Crónica da clarissa soror Ana do Amor Divino, bem como na informação fornecida pela edilidade sobre o projecto de obra. Assim, a intervenção incidiu na ala do claustro onde se conhecia a existência de sepulturas desta comunidade de religiosas, correspondendo a uma área total de 75,01 m², sucedendo-se os seguintes passos: (1) o projecto de obra obrigou ao rebaixamento do pavimento, pelo que se cingiu a intervenção à escavação à cota de afectação da obra. De salientar que no decorrer da intervenção essa cota foi alterada pelo Departamento de Obras da Câmara Municipal de Setúbal. Inicialmente, corresponderia ao nível do Piso Primitivo em tijoleira rectangular, não se pretendendo levantá-lo de modo a permitir uma reanálise ao projecto de Arquitectura, sendo que dependendo do seu estado de conservação poderia ser salvaguardado e integrado no projecto final. No entanto, após atingir-se a cota pretendida e ao verificar-se o mau estado de conservação do piso, a edilidade solicitou um rebaixamento adicional de 20 cm de modo a preparar o assentamento em betão armado para um novo piso; (2) marcação da localização das lajes inteiras e tripartidas, já que o lajeamento foi removido no decorrer do acompanhamento arqueológico da 1ª fase de obra, em 2013, permitindo desta forma associar a inumação à laje respectiva; (3) divisão da ala em Área 1, Área 2 e Área 3, respeitando os limites dos vãos das lajes de cada área e desníveis entre áreas; (4) optou-se, em cada uma das áreas acima indicadas, por escavar numa primeira etapa todas as lajes tripartidas, já que na Crónica de Ana do Amor Divino são referidas como sepulturas. Numa segunda etapa escavaram-se as áreas que correspondiam às lajes inteiras e que de acordo com a supra referida Crónica não constituíam sepulturas (Antunes-Ferreira, 2016).

5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

A intervenção permitiu identificar três fases neste espaço que correspondem quer a acções de des-

truição/abandono como de construção/ocupação (Antunes-Ferreira, 2016).

A 1ª fase que corresponde a uma acção de construção ocorreu aquando da construção do convento identificando-se, tal como nas intervenções arqueológicas precedentes, um aterro de nivelamento sobre o substrato geológico argiloso, que também serviu para isolar o piso da humidade contida nesse solo. Seguiu-se-lhe o assentamento para o Piso Primitivo em argamassa e o respectivo piso em tijoleira rectangular. Os raros materiais arqueológicos encontrados no aterro de nivelamento são claramente coevos, apontando para finais do século XV e inícios do século XVI.

A 2ª fase corresponde a uma acção de destruição, que se encontra descrita na Crónica de Ana do Amor Divino. O Piso Primitivo foi removido – ou simplesmente truncado (Figura 2) como se observou na Área 1 – aquando da obra de alteamento das alas claustrais e construção das novas sepulturas em 1772 (Figura 2).

A 3ª fase indicativa de uma acção de construção ocorreu concomitantemente com a 2ª fase, observando-se acima do Piso Primitivo níveis que correspondiam a aterros de nivelamento, os quais são referidos na Crónica de Ana do Amor Divino, bem como a colocação de um novo pavimento de tijoleira quadrangular e lajes em pedra calcária. A cronista refere que em 1772 devido às graves inundações que ocorriam neste espaço foi necessário altear todo o claustro e respectivas alas. É indicado que o Piso Primitivo foi removido, perdendo-se a localização das sepulturas anteriores a 1772 e seguidamente foram colocados aterros que foram bem batidos a maço e efectuadas as novas sepulturas e colocado um novo piso: “*Problemas com águas. O terreno foi subindo por causa do aluvião e a construção do hornaveque fez o resto. Estavam já inundados o claustro, o capítulo, a capela do evangelista, portaria, refeitório, dispensa. A água tinha 3 ou 4 palmos de fundo. Em 1772, foram arrancadas as lajes e os ladrilhos e alçou-se o pavimento 3 palmos* (Nota: cerca de 60 cm, valor que se verificou entre os Pisos actual e Primitivo), *tendo o entulho sido bem batido a maço, tendo sido tudo de novo ladrilhado, menos os vãos das novas sepulturas*”. Em suma, as camadas por cima do Piso Primitivo constituíam aterros de nivelamento para o assentamento do pavimento colocado em 1772. Os materiais cerâmicos exumados, apesar de larga diacronia *ante quem*, são coerentes no limite máximo cronológi-

co que lhes são atribuíveis, nunca ultrapassando meados/2ª metade do século XVIII.

As sepulturas identificadas como é indicado na Crónica foram abertas nos níveis de aterro, no entanto verificou-se que a maioria truncou partes do Piso Primitivo remanescente e inclusivamente o nível de regularização colocado sobre o substrato geológico, sendo que o enchimento das mesmas é composto exclusivamente por sedimentos provenientes dos aterros do século XVIII, exceptuando na sepultura do Esqueleto 7 cujo sepultamento foi anterior a esta obra. O qual foi sendo removido e repostado aquando de cada utilização da sepultura, pelo que contém numerosos ossos humanos desarticulados e fragmentados. A sepultura da Laje 1 que foi integralmente escavada revelou que a cova foi efectuada até ao substrato geológico, tendo sido obliterada exclusivamente por sedimentos do aterro de 1772, mostrando ainda que o Piso Primitivo foi truncado à medida da sepultura.

Na Área 2 constatou-se que a construção da sepultura do Esqueleto 7 foi anterior ao alteamento, podendo corresponder segundo informação da Crónica à sepultura da soror Isabel Maria da Visitação que faleceu em 1752. Enquanto a sepultura do Esqueleto 13 foi construída após o alteamento do piso, tendo inclusivamente sido feita na área de um dos degraus de acesso à Casa do Capítulo destruído aquando da obra de 1772, correspondendo à sepultura de madre soror Teodora Jacinta da Purificação que faleceu em 1788 e que pediu para ser enterrada ao lado da Soror Isabel da Visitação: “(. . .) *a cujos pés ou cabeças ficou (. . .)*”. Os dados obtidos nesta intervenção, com excepção os das sepulturas, são idênticos aos registados na intervenção arqueológica de 2005/06 das alas sul, norte e poente que indicam uma estratigrafia muito similar à identificada nesta ala. Inicia-se com piso de tijoleira quadrangular (Piso actual), seguida de uma camada de assentamento de argamassa de cal e areia de coloração amarelada. Seguindo-se um aterro de terra castanha-clara, pouco compacta, com pouca pedra, alguma cerâmica e abundantes restos de telha de canudo, tijolos de burro, estuque e azulejos. A cerca de 60 cm de profundidade surge um piso de tijoleira rectangular (Piso Primitivo), com aplicação de azulejos hispano-árabes no piso em intervalos regulares, em mau estado de conservação. Nas sondagens da ala sul, onde se aprofundou até ao lençol freático, para além do Piso Primitivo, identifica-se o seu assentamento de argamassa de cal e areia de co-

loração amarelada, seguida por uma camada espessa de terra castanha, arenosa, pouco compacta, intercalada com bolsas de argamassa de cal e areia, de grande compactação, seguindo-se-lhe a camada de terra argilosa castanho-avermelhada (substrato geológico). Tal como nas intervenções anteriores foram identificados os aterros de 1772 sobre o Piso Primitivo. Este piso encontrava-se em muito mau estado, tendo, inclusivamente, sido truncado e/ou removido na abertura das sepulturas. Tendo em conta que apenas se procedeu à escavação à cota de afectação da obra de repavimentação não foi possível chegar ao substrato geológico, exceptuando no caso da sepultura da Laje 1.

6. CARACTERIZAÇÃO DAS SEPULTURAS E INUMAÇÕES

As sepulturas consistiam em simples fossas, de formato tendencialmente rectangular, escavadas no aterro de nivelamento de 1772 e cobertas por laje rectangular, tripartida, em pedra calcária, não existindo outras estruturas delimitadoras. Constatou-se que nas áreas onde ainda existia Piso Primitivo este foi truncado pelas valas de inumação, assim como a argamassa de assentamento do piso e camada imediatamente abaixo.

A sepultura da Laje 1, localizada na Área 1, foi a única escavada até à sua base, revelando que para além de se truncarem os níveis de aterro na sua abertura, o Piso Primitivo (e respectivo assentamento em argamassa) e a camada regularizadora colocada por cima do substrato geológico foram igualmente truncados. Na Área 2 as duas sepulturas identificadas não possuíam lajes de cobertura, no entanto a sepultura do Esqueleto 13 estava sinalizada no pavimento actual por uma tijoleira com 61 cm x 46 cm.

Ao nível da Antropologia Funerária verificou-se que os indivíduos foram depositados na cova em decúbito dorsal com as mãos sobre o peito ou região abdominal e pernas estendidas, estando a cabeça de frente ou para o lado. Foram identificadas duas deposições atípicas, tratando-se dos Esqueletos 6 e 12: o primeiro foi colocado na cova em posição fetal (Figura 3) e o segundo apresentava-se com os membros inferiores ligeiramente flectidos. Os corpos estavam orientados a SW-NE ou NE-SW, parecendo mais importante o sepultamento em espaço sagrado do que respeitar a orientação canónica. A presença de numerosos alfinetes à volta do esqueleto permi-

tiu inferir que os corpos foram amortalhados e de seguida foi vertida cal sobre diversos indivíduos. Não foram registados indícios inequívocos de utilização de caixão. No espólio votivo para além das contas e crucifixos de terços e medalhas (Figura 4), destaca-se a presença de resquícios de armação de ferro (co-roa) à volta do crânio da maioria dos indivíduos.

A análise bioantropológica permitiu concluir, relativamente às inumações primárias, que se tratam de indivíduos do sexo feminino com uma idade à morte superior a 20 anos, estatura compreendida entre 142 cm e 160 cm, sendo que as alterações esqueléticas mais comuns são a perda de dentes *ante mortem*, as cáries e a osteoartrose.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção arqueológica na ala nascente foi efectuada até à cota de afectação da obra de repavimentação das alas claustrais, tendo sido escavadas as 26 lajes identificadas no piso actual e colocando-se a descoberto 13 inumações primárias e numerosos ossos desarticulados e fragmentados. As sepulturas são individuais, mas reutilizadas e foram abertas nos aterros de 1772, não apresentando para além de uma laje rectangular tripartida, outras estruturas delimitadoras.

Tal como nas intervenções anteriores foram identificados os aterros de 1772 entre o piso actual e o Piso Primitivo. Este último encontrava-se em muito mau estado, tendo, inclusivamente, sido truncado e/ou removido aquando da abertura das sepulturas. Tendo em conta que apenas se procedeu à escavação à cota de afectação da obra de repavimentação não foi possível chegar no substrato geológico, exceptuando no caso da sepultura da Laje 1.

Os indivíduos foram depositados na cova em decúbito dorsal com as mãos sobre o peito ou região abdominal e pernas estendidas, estando a cabeça de frente ou para o lado. Foram identificadas duas deposições atípicas (Esqueletos 6 e 12). Os corpos estavam orientados a SW-NE ou NE-SW. No espólio votivo foram identificados contas e crucifixos de terços e medalhas, destacando-se a presença de numerosos fragmentos de ferro de armações (co-roas) à volta do crânio da maioria dos indivíduos. A breve análise paleobiológica realizada permitiu concluir, relativamente às inumações primárias, que se tratam exclusivamente de indivíduos do sexo feminino com uma idade à morte superior a 20

anos, estatura compreendida entre 142 cm e 160 cm, registando-se um elevado número de efectivos com perda de dentes *ante mortem*, cáries e osteoartrose.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES-FERREIRA, Nathalie (2016) – *Relatório da intervenção arqueológica na ala nascente do claustro do Convento de Jesus*. Setúbal: Museu de Setúbal / Convento de Jesus (policopiado).

CARVALHO, José Carlos (1969) – *Acontecimentos, lendas e tradições da região de Setúbal: Convento de Jesus*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.

NETO, José Luís (2011) – *Relatório da intervenção arqueológica do Convento de Jesus de Setúbal*. Setúbal: Museu de Setúbal / Convento de Jesus.

SILVA, Carlos (1995) – *Intervenção arqueológica no claustro do Convento de Jesus – Setúbal (1993-94)*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

SILVA, Carlos; PEREIRA, Fernando (1989) – *Convento de Jesus (500 anos): Arqueologia e História*. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.



Figura 1 – Piso Primitivo na Área 1 truncado aquando da abertura das sepulturas. Nas Áreas 2 e 3 apenas se registaram resquícios de argamassa de assentamento do Piso Primitivo.



Figura 2 – Pormenor do Piso Primitivo truncado e de uma das inumações primárias (Esqueleto 9, Laje 1).



Figura 3 – Esqueleto 6 (Laje 22) revelando posição de inumação atípica.



Figura 4 – Espólio votivo: A – contas (Esqueleto 2), B – elementos de crucifixo (Esqueleto 5), C, D e F – crucifixos (Esqueletos 2, 4 e 9, respectivamente), E – Medalha (Esqueleto 3).

